

Revista Portuguesa  
de História

## A propósito do nome do Bispo Nausto de Coimbra (867-912)

(Os topónimos gal. *Nouche*, *Nostián* e port. *Nostim*)

Publicou o Dr. Torquato de Sousa Soares, no i.º tomo, pp. 144-148, desta Revista, um bem documentado estudo sobre o epitáfio de *Nausto*, bispo de Coimbra (867-912), mas residente, devido à força das circunstâncias, como hóspede na diocese de Iria, onde veio a falecer (4), segundo se infere do facto de a referida inscrição tumular (gravada na tampa de um sarcófago) se encontrar na igreja paroquial de Santo André de Trobe, a cerca de três léguas de Santiago de Compostela.

O que motiva esta breve nota, é a forma do nome do defunto. Todos os autores que se ocuparam da figura do bispo conimbrigense, que de certo modo se poderia qualificar de «in partibus Gallaecorum», escreveram, e muito naturalmente, *Nausto*, pois não faltam diplomas medievais que grafam *Naustus* (2). No entanto, não é esta a forma historicamente autêntica, a qual ressalta claramente não só do epitáfio de Trobe, mas também da maior parte das abonações medievais (3). Com efeito, a inscrição começa por

(1) É possível que este prelado só excepcionalmente pusesse os pés na sua sede episcopal, continuando, mesmo depois da conquista de Coimbra por D. Afonso III de Leão (em 878, segundo a Crónica Albeldense), uma tradição que datava da época da ocupação muçulmana de Aeminium-Conimbriga. Chamámos há pouco (cf. *Rev. Port. de Fi.*, iv, 1951, pp. 196-203) a atenção para vestígios inconfundíveis de colónias conimbrigenses estabelecidas, desde o séc. vii, na Galiza. É de crer que esta emigração se operasse sob a égide de um dos predecessores do referido prelado, o qual mesmo aí continuou — e da mesma maneira os seus sucessores e o próprio Nausto — à cabeça da grei exilada.

(\*) Cf. *Dipl. et Chart.*, xi, p. 7, ano 883, doação de Afonso III à Igreja de Santiago : *Naustus episcopus conf.*

(2) Do *Livro Preto* (867-912), *Dipl. et Chart.*, iv, p. 3: *Factus est colmelius inter domno nausti episcopo... et filios pétri et s arr acine ...* Quem escreveu isto, tinha manifestamente, a consciência de ser esta a forma normal do antropónimo, não adaptável à morfologia latino-românica, pois ter-lhe-ia sido fácil grafar *nausto*, a concordar com *domno* e *episcopo*. Do passo

dizer: HIC QUIETVS RECUBAT FELCS SORTE NAVSTI AEPI SACERDOS representando NAVSTI, segundo se infere, além do contexto, de QVIETVS, FEL(I)CS (=fēlix) e SACERDOS, de um nominativo, e não de um genitivo. A mesma forma *Nausti* volta a aparecer num diploma de Lorvão, referida à mesma personagem histórica.

Do que acabamos de dizer poderá concluir-se o seguinte : 1.º, que, rigorosamente, o antropónimo se deveria escrever, em português, *Nauste* ou *Nouste*; 2.º, que o nome não pode ser de origem latina, pois esta língua não conhece nominativos em *-i*; 3.º, que não se pode tratar senão de um nome visigodo, pois é precisamente este idioma germânico que apresenta um tipo morfológico em *-ei*, com valor fonético de *-f*. Este elemento desempenha, na formação das palavras, um papel importante, pois entra correntemente na constituição de abstractos, de género feminino, e criados, por via de regra, na base de adjectivos. Assim se extrai: de *diups* «profundo», *diupei* «profundidade»; de *mikil* «grande», *mikilei* «grandeza»; de *froths* «prudente», *fródei* «prudência» (4).

E sem dúvida a esta categoria de palavras que pertence o nosso *Nausti*, embora não nos seja possível indicar concretamente

que se segue mais abaixo : *Et venit in portionem domni nausti episcopi*. nada se pode inferir, devido ao facto de se confundirem formalmente o nominativo e o genit. latino. Por outro lado, encontramos a forma *Nausti*, juntamente com outros nomes de testemunhas (que se apresentam, como é natural, na forma do caso geral), no doc. xx, p. 14, a. 915, da região de Coimbra). No doc. xvii, p. ii, a. 911, *Nausti* ocorre como acusativo: *Tunc ille motus misericordia, hordinavit Previsores : Nausti Episcopum, Froarengum Episcopum*, etc. Segundo amável informação do P.º Avelino Costa, é também *Nausti* que se lê numa inscrição, inédita, comemorativa da consagração da igreja de S. Romão de Neiva pelo bispo conimbrigense. Um documento, publicado na *España Sagrada*, refere-se a um bispo de Tuy, de nome *Naus-tius* (xxn, 49-52 e Apêndice, p. 250, doc. de 1112). Outro (xvin, p. 318, doc.\* de 916), do tempo de Ordonho 11, menciona um bispo *Nausti*, sem indicar a igreja a que pertencia. Torna-se, pois, evidente que estamos em presença de um nome indeclinável, e. que os contemporâneos de Nausto tinham a consciencia desta particularidade.

(4) Ver sobre esta classe de declinação, chamada em *-n* (por esta consoante aparecer nos outros casos: genit. *diupeins*, dat. *diupein*, acus. *diupein*), a Gramática de W. Braune, § 113.

o adjectivo que deu origem ao substantivo derivado \* *naust-i*, o qual, no entanto, deveria designar uma qualidade física ou moral. O facto de não termos encontrado, no léxico do gótico, nenhum tema que se lhe possa ajustar, não invalida esta nossa sugestão, pois é sabido que o vocabulário da língua goda, tal qual nos foi literariamente transmitido, apresenta enormes lacunas. Afigura-se-nos, porém, possível que um estudo comparativo com outros antigos idiomas germânicos (o anglo-saxónico, por exemplo), nos forneça a resposta a este problema etimológico. O *au* do tema parece ser secundário, quer dizer provir da vocalização de uma consoante que se seguia ao *a*, precedendo o *st*.

O nome *Nausti* sedimentou-se como topónimo galego, podendo tratar-se de uma antiga propriedade pertencente ao próprio bispo coimbrão, ou de qualquer possessor homónimo. Referimo-nos à aldeia chamada *Nouche*, situada no município de Beán (Ordenes\ na prov. da Corunha. Esta forma corresponde exactamente à que *Nausti* (quer se trate do nominativo goda, quer do genitivo latino homófono) havia de adoptar em galego. Basta só lembrar, como termos de comparação, as desinências verbais *-ache*, *-eche*, *-ic/ie*, do lat. vulgar *-asti*, *-esti*, *-isti*. Um *terminus de Nausti monacus* figura, aliás, no *Tumbo* de Leão (f. 377 v.º; cf. *Cuadernos de Historia de España*, iv, p. 102), sendo possivelmente idêntico ao lugar de *Nouche*. A variante *Nousti* alterna, como apelido, nas *Inquirições* de 1220 (p. 167), com *Nausti*. O patronímico respectivo figura várias vezes nos *Dipl. et Chartae*; cf. *Olidi nausti*<sup>^</sup>, n.º CCCLXN, p. 221, a. 1048, *Oliti Nausti*<sup>%i</sup>, n.º CCLXXXI, p. 172, e *luvidu nausti*<sup>\</sup>, n.º ccccx, p. 261, a. 1059.

Finalmente, cabe ainda chamar a atenção para os derivados \**Naust-ila* e \**Naust-inus*, formas que se podem inferir dos topónimos gal. *Nostián* (1. Pastoriza, Arteijo, Corunha; 2. Visma, Corunha) <Z\**Naustil-ane(m)*, e port. *Nostim* (Moura Morta, Peso da Régua, Vila Real) <^\**Nausini*, genit, de \**Naustinus*. Tanto o sufixo *dia* como *-inus* (gót. *-eins*) são por assim dizer os dois elementos de derivação clássicos do onomástico hispano-gótico.